

Raquel Raichelis
Damares Vicente
Valéria Albuquerque

Organizadoras

**A NOVA MORFOLOGIA
DO TRABALHO
NO SERVIÇO SOCIAL**

 **CORTEZ
EDITORA**

Raquel Raichelis
Damares Vicente
Valéria Albuquerque

Organizadoras

**A NOVA MORFOLOGIA
DO TRABALHO
NO SERVIÇO SOCIAL**

 **CORTEZ
EDITORA**

Plano de Incentivo a Pesquisa
PIPEq
PUC-SP

SUMÁRIO

Prefácio	
<i>Ricardo Antunes</i>	9
Apresentação	15

Parte I

Serviço Social, transformações do trabalho e políticas sociais no capitalismo contemporâneo

1. Serviço Social: trabalho e profissão na trama do capitalismo contemporâneo	
<i>Raquel Raichelis</i>	25
2. Serviço Social, “questão social” e trabalho em tempo de capital fetiche	
<i>Marilda Villela Yamamoto</i>	66
3. Proteção social e crise no Brasil contemporâneo	
<i>Maria Carmelita Yazbek</i>	88
4. O capitalismo financeiro e as políticas sociais: a nova face da contemporaneidade	
<i>Rosa Maria Marques</i>	108

Parte II

A nova morfologia do trabalho no Serviço Social

5. Serviço Social, trabalho e *desgaste mental*
Damares Vicente 127
6. Serviço Social e trabalho docente: precarização e intensificação nas instituições privadas de ensino
Valéria Albuquerque..... 150
7. Remoções de moradias e trabalho da/o assistente social: atualização de antigas requisições
Nuria Pardillos Vieira..... 181
8. Trabalho social com famílias no Serviço Social: determinações sócio-históricas na reconfiguração das políticas sociais contemporâneas
Joana Maria Gouveia Franco Duarte 203
9. Reforma psiquiátrica e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) — Contribuições do Serviço Social
Camila Ávila de Lima..... 222

Parte III

Políticas Sociais e organização coletiva: lutas de resistência no Serviço Social

10.	A reforma da Previdência: confisco para o trabalhador e “tranquilidade” para a o mercado <i>Ademir Alves da Silva</i>	245
11.	Trabalho e sofrimento ético-político <i>Bader Burihan Sawaia</i>	263
12.	Trabalho e Formação Profissional no Serviço Social: inquietações de uma professora de graduação <i>Isaura Isoldi de Mello Castanho e Oliveira</i>	279
13.	Sindicalismo e Serviço Social <i>Maria Beatriz Costa Abramides</i>	293
14.	Sindicalismo e a luta pela jornada de 30 horas dos Assistentes Sociais no Serviço Público Municipal de Campinas-SP <i>Fernanda Carriel</i>	317
	Sobre os/as autores/as	339

Coordenadora do Conselho Editorial de Serviço Social
Maria Liduína de Oliveira e Silva

Conselho Editorial de Serviço Social

Ademir Alves da Silva

Dilséa Adeodata Bonetti (*in memoriam*)

Elaine Rossetti Behring

Ivete Simionatto

Maria Lúcia Carvalho da Silva (*in memoriam*)

Maria Lucia Silva Barroco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A nova morfologia do trabalho no serviço social / organização Raquel Raichelis,
Damares Vicente, Valéria Albuquerque. -- São Paulo : Cortez, 2018.

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-2621-1

1. Assistentes sociais 2. Serviço social 3. Processo de trabalho 4. Serviço social
como profissão 5. Política social I. Raichelis, Raquel. II. Vicente, Damares. III.
Albuquerque, Valéria.

18-12916

CDD-361.3023

Índices para catálogo sistemático:

1. Serviço social : Processo de trabalho profissional 361.3023

PREFÁCIO

Fazer o Prefácio desta coletânea é um motivo de felicidade para mim. Primeiro, porque ele é o resultado de anos de estudo e reflexão de um dos mais qualificados grupos de pesquisa (e de participantes que com ele colaboram) sobre o trabalho no Serviço Social, o Núcleo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Profissão (NETRAB) do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC-SP, cuja dedicação ao tema tem sido responsável pela formação de um conjunto amplo de pesquisadores e pesquisadoras que há anos se debruça com afinco à temática crucial do trabalho no Serviço Social.

Segundo, porque seu esforço segue a linhagem crítica que resiste aos encantos dos desconstrutores do trabalho, cujo mito um dia quis nos antecipar que o trabalho havia perdido sua relevância social e sua centralidade.

Como o trabalho é, nos dias atuais ou, melhor dizendo, ainda mais *especialmente* hoje, uma das *questões vitais* da humanidade, sua melhor inteligência se torna um imperativo central, particularmente quando sua reflexão está conectada com o árduo, complexo, mas ao mesmo tempo imprescindível processo de emancipação da humanidade, frente aos enormes constrangimentos que degradam o trabalho humano, o precarizam, o vilipendiam, como o faz o sistema global do

morfologia, procurando apresentar suas particularidades e singularidades. E aqui encontramos uma contribuição efetiva para os estudos do trabalho das/dos assistentes sociais.

II

Pela própria concepção presente nesta coletânea, que traz algumas das principais pesquisas realizadas no âmbito do referido Núcleo, aqui se trata particularmente de buscar uma melhor intelecção do *trabalho no serviço social*.

Quais são seus diferenciados desenhos que contemplam desde as/os assistentes sociais que atuam no espaço público até aquelas e aqueles que atuam no espaço das empresas privadas? Como se conformam em sua profissão? Como melhor compreender desde as assalariadas e os assalariados com contrato regulado que atuam como assistentes sociais, até aqueles que realizam consultorias para o universo privado, criando uma variante de assalariamento disfarçado com o objetivo de reduzir custos e aumentar os lucros? Aqui vale a pena fazer uma breve digressão mais analítica.

Herdamos de Marx a distinção entre *produção material e produção imaterial*, que o autor desenvolve amplamente em *O Capital*.¹ Depois de definir o que é *trabalho produtivo para o capital* (isto é, aquele que cria mais-valia), Marx acrescenta: “Para trabalhar produtivamente, já não é mais necessário fazê-lo com suas próprias mãos; basta, agora, ser um órgão do trabalhador coletivo, executar qualquer uma de suas subfunções”. E, logo em seguida, afirma: “A definição original do trabalho produtivo [...], derivada da própria natureza da produção material, continua válida para o trabalhador coletivo, considerado em seu

1. Conforme as indicações de Marx, presentes em *O Capital*, como aparecem, por exemplo, no capítulo XIV (Livro I) e também no conhecido *Capítulo VI*, inédito.

conjunto. Mas já não é válida para cada um de seus membros, tomados isoladamente" (Marx, *O Capital*, Livro I, São Paulo: Boitempo, p. 577).

Isso ocorre uma vez que: "A produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, mas essencialmente produção de mais-valor[...]. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital".

Como nosso autor era obcecado pelo desvendamento do mundo laborativo e das alquimias utilizadas pelo capital para sua valorização, acrescenta ainda um exemplo sobejamente esclarecedor: "Se nos for permitido escolher um exemplo fora da esfera da produção material, diremos que um mestre-escola é um trabalhador produtivo se não se limita a trabalhar com a cabeça das crianças, mas exige de si mesmo até o esgotamento, a fim de enriquecer o patrão. Que este último tenha investido seu capital numa fábrica de ensino, em vez de numa fábrica de salsichas, é algo que não altera em nada a relação".

E é exatamente por isso que afirma: "Assim, o conceito de trabalhador produtivo não implica de modo nenhum apenas uma relação entre atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, surgida historicamente e que cola no trabalhador o rótulo de meio direto de valorização do capital. Ser trabalhador produtivo não é, portanto, uma sorte, mas um azar". (Idem, p. 578).

Dado que um dos traços mais importantes do capitalismo de nosso tempo é a privatização quase completa do setor de serviços (assim como ocorreu com o mundo industrial e o agrícola a partir da Revolução Industrial no século XVIII e nas últimas décadas com as intersecções de que são exemplos a *agroindústria*, a *indústria de serviços* e os *serviços industriais*), estes se tornam cada vez mais mercadorizados ou comoditizados pela lógica do capital que passou a controlá-los. Isto é, integram crescentemente as cadeias produtivas de valor, deixando cada vez mais para o passado sua forma *improdutiva*, que visava a produção de bens ou serviços socialmente úteis, para se tornar parte integrante e crescente do processo de geração (*produtiva*) de valor.

quais padecimentos as/os assistentes sociais vêm sofrendo? Como e por que se intensificam e precarizam as condições de trabalho nas instituições de ensino superior privado? Como vêm atuando, em suas ações diretamente sociais, como naquelas em que as populações pobres das periferias são removidas para garantir e ampliar a especulação imobiliária do capital no espaço urbano? Ou quando atuam no âmbito das famílias, dos cuidados na saúde mental?

Na terceira parte, por fim, o eixo são as lutas de resistência, os espaços de organização, os momentos de ação, frente a tantas destruições dos direitos sociais. Aí podemos melhor compreender o que significa e o que de fato objetiva a "reforma da previdência" da era da contrarrevolução de Temer? Como se configuram os sofrimentos, inquietações e as resistências que florescem? Quais têm sido as ações e lutas sindicais no âmbito do Serviço Social? O que significou a importante luta pela redução da jornada de 30 horas no Serviço Social, que consequências ela trouxe?

Por tudo que foi aqui indicado, esta coletânea sobre a nova morfologia do trabalho no Serviço Social evidencia o trabalho sério, criterioso e crítico de suas organizadoras e coautores/as. Que seja, então, lido e estudado no Serviço Social e também em outras áreas, por todos e todas que se recusam a aceitar esta devastação como sendo natural e inevitável. E que seja, também, como a Nota de Apresentação sugere, a primeira publicação de uma série...

Ricardo Antunes
Outubro de 2017

APRESENTAÇÃO

Esta Coletânea¹ apresenta análises sobre o trabalho e as políticas sociais no contexto de crise estrutural do capital e suas refrações nas respostas do Estado às expressões da “questão social”. O seu foco é o Serviço Social e o processamento do trabalho realizado por assistentes sociais em distintas políticas e programas sociais nos quais se inserem como trabalhadoras/es assalariadas/os.

Trata-se de um projeto há muito acalentado por docentes, pesquisadoras/es e estudantes que constroem coletivamente o Núcleo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Profissão (NETRAB) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, que vem se traduzindo na última década em um rico, instigante, desafiador e prazeroso espaço de estudos, pesquisas e debates sobre o trabalho profissional no campo das políticas sociais.

Inspiradas/os pela reflexão crítica marxiana e marxista sobre a centralidade do trabalho para a constituição do ser social e a (plena) vigência da lei do valor no capitalismo monopolista mundializado e financeirizado em curso, suas/seus pesquisadoras/es – docentes, mestrandas/os, doutorandas/os e pós-doutorandas/os – vêm enfrentando com obstinação o intrincado caminho teórico para desembaraçar os fios que atam o trabalho profissional ao contrarreformismo do Estado e das políticas sociais, à gestão do fundo público e à teoria

1. As organizadoras agradecem o apoio financeiro da PUC-SP por meio do Plano de Incentivo à Pesquisa – PIPEQ, que financiou parte desta obra.

temas aqui tratados, e também jovens pesquisadoras que produziram suas pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado estimuladas pelos estudos e reflexões desenvolvidos no NETRAB/PUC-SP, que têm com esta obra a oportunidade de veicular parte de sua produção acadêmica desses últimos anos.

O livro está organizado em três partes com 14 capítulos. A Parte I – *Serviço Social, transformações do trabalho e políticas sociais no capitalismo contemporâneo* é composta por quatro capítulos que tratam de temáticas que de alguma forma atravessam as reflexões presentes no conjunto da obra. Os textos percorrem, com ângulos e recortes distintos, as transformações estruturais e conjunturais que se processam na esfera produtiva e nas relações de trabalho, no contexto da crise do sistema metabólico do capital, que reconfiguram a proteção social e as políticas sociais, e nesse sentido, impactam o trabalho profissional nele imprimindo novos significados, conteúdos e direção social. A/o leitora/or encontrará nessas contribuições um rico painel de temas e teses provocativas e instigantes para o aprofundamento do debate coletivo no Serviço Social.

No Capítulo 1 – *Serviço Social: trabalho e profissão na trama do capitalismo contemporâneo*, Raquel Raichelis, com base na hipótese de que a atividade no “setor” de serviços é trabalho em processo, realiza uma reflexão original articulando trabalho e profissão, considerando as marcas contemporâneas da profissionalidade trazidas pela ampliação e precarização do trabalho assalariado e pela mercantilização dos serviços e bens públicos. Apoiando-se em conceitos e categorias marxianas e marxistas, objetiva apreender o significado e a natureza do trabalho de assistentes sociais sob as novas formas de extração do valor na morfologia atual.

do valor trabalho. E nesse âmbito decifrar a natureza e o significado do trabalho de assistentes sociais nas políticas sociais com diferentes segmentos da classe trabalhadora, em sua luta histórica pelo direito a parcela do fundo público extraída do trabalho explorado, disputada e apropriada pela punção predatória do capital financeiro que alimenta o rentismo internacional.

A mercantilização e a financeirização dos serviços públicos, a transformação das políticas sociais em nichos de rentabilidade para o capital, como analisa Iamamoto em seu texto, modifica a forma e o conteúdo do trabalho de assistentes sociais. Como a autora nos alerta, o significado desse trabalho muda radicalmente, pois a compra e venda de serviços sociais no atendimento a necessidades sociais de educação, saúde, renda, habitação, assistência social etc., pertencem ao domínio do mercado e não à razão sociopolítica do Estado, quando tensionado pelas lutas sociais da classe trabalhadora por direitos sociais.

Tendo como pressuposto que o trabalho no Serviço Social não se autonomiza das determinações estruturais e conjunturais que configuram o trabalho abstrato na quadra atual do capitalismo dominado pelas finanças, esta Coletânea visa contribuir para problematizar dilemas e possibilidades que desafiam o trabalho profissional assalariado em diferentes espaços sócio-ocupacionais, predominantemente na esfera estatal das políticas sociais, configurando o que denominamos *nova morfologia do trabalho no Serviço Social*, tomando emprestada a feliz expressão de Ricardo Antunes, que dá título ao livro, quando se refere aos novos modos de ser do trabalho e da classe trabalhadora na era de precarização estrutural do trabalho em tempo de crise mundial do capital.

O propósito desta publicação é reunir subsídios que possam contribuir para elucidar as múltiplas determinações do trabalho e do sujeito social que vive do trabalho, no contexto em que o trabalho e os direitos dele decorrentes sofrem o mais profundo ataque do capital e dos seus representantes no âmbito do Estado. Nesse sentido, reúne docentes, pesquisadoras/es e intelectuais pioneiras/os e altamente reconhecidas/os pela sua contribuição ao debate dos

temas aqui tratados, e também jovens pesquisadoras que produziram suas pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado estimuladas pelos estudos e reflexões desenvolvidos no NETRAB/PUC-SP, que têm com esta obra a oportunidade de veicular parte de sua produção acadêmica desses últimos anos.

O livro está organizado em três partes com 14 capítulos. A Parte I – *Serviço Social, transformações do trabalho e políticas sociais no capitalismo contemporâneo* é composta por quatro capítulos que tratam de temáticas que de alguma forma atravessam as reflexões presentes no conjunto da obra. Os textos percorrem, com ângulos e recortes distintos, as transformações estruturais e conjunturais que se processam na esfera produtiva e nas relações de trabalho, no contexto da crise do sistema metabólico do capital, que reconfiguram a proteção social e as políticas sociais, e nesse sentido, impactam o trabalho profissional nele imprimindo novos significados, conteúdos e direção social. A/o leitora/or encontrará nessas contribuições um rico painel de temas e teses provocativas e instigantes para o aprofundamento do debate coletivo no Serviço Social.

No Capítulo 1 – *Serviço Social: trabalho e profissão na trama do capitalismo contemporâneo*, Raquel Raichelis, com base na hipótese de que a atividade no “setor” de serviços é *trabalho em processo*, realiza uma reflexão original articulando trabalho e profissão, considerando as marcas contemporâneas da profissionalidade trazidas pela ampliação e precarização do trabalho assalariado e pela mercantilização dos serviços e bens públicos. Apoiando-se em conceitos e categorias marxianas e marxistas, objetiva apreender o significado e a natureza do trabalho de assistentes sociais sob as novas formas de extração do valor, nas diferentes modalidades de trabalho em sua morfologia atual.

No Capítulo 2 – *Serviço Social, “questão social” e trabalho em tempo de capital fetiche*, Marilda Villela Iamamoto reafirma que a “questão social” e a desigualdade fundante que a constitui são indissociáveis da sociabilidade capitalista; reflete sobre os atuais efeitos da mundialização do capital, a partir da crise de 2007-2008, que colocou a desigualdade no topo da agenda global. Realiza análise crítica sobre

11

TRABALHO E SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO

Bader Burihan Sawaia

Introdução

Sufrimento no trabalho é tema bastante explorado. Há muitas pesquisas demonstrando com competência o adoecimento decorrente da perversidade das relações de trabalho e de sua precarização no capitalismo. O presente texto reflete sobre uma dimensão específica da configuração atual do trabalho do assistente social e do psicólogo no Sistema Único de Assistência Social (Suas), a de ser um trabalho na esfera da biopolítica (Foucault, 2000), cujo sofrimento vem do fato de direcionar o trabalhador à “*dilematização da dialética*”, expressão usada para indicar, como fez Vigotski, a tendência a eliminar o conflito e transformar em antagonismo o que constitui uma “*unidade dos contrários*”. Vigotski faz essa crítica, ainda no início do século XX, objetivando apontar as mazelas do separatismo epistemológico para a psicologia como a de dicotomizar mente/corpo, razão e emoção.

Assim, defende a adoção do método dialético¹⁵ pela psicologia que possibilita conceber o psicólogo como totalidade, devir e unidade de contrários, o que significa considerar que cada fenômeno psicológico retém em pequenas formas as propriedades do todo (Vygotski, 1991b, p. 301).

Esta é a tese que o texto pretende demonstrar.

O termo "biopolítica" foi criado por Michel Foucault para pensar o poder como relação de forças imanentes materializadas em práticas, técnicas e disciplinas, diversas e dispersas na sociedade, envolvendo igualmente dominadores e dominados. Um conceito que destaca não o poder, mas os efeitos da relação saber/poder relativos aos modos de subjetivação, que, em nome da vida, encarcerou e deixa morrer todas as expressões de vida consideradas improdutivas e impróprias.

Esse termo foi escolhido pela força que tem de indicar que há uma unidade indissociável entre saber/poder e as entranhas da experiência do corpo e da mente e, portanto, do desejo. O que significa indicar que o trabalho no Sistema Único de Assistência Social — Suas é um trabalho que confronta o assistente social e o psicólogo com o fato de suas ciências, como as demais, poderem ser arrebatadas e corrompidas pela relação Estado — capitalismo, à medida que coloca a disciplinarização do corpo e o desejo como questão do Estado (poder) e o saber científico como mediador dessa relação, portanto, como tecnopolítica da dominação. Além disso, também foi escolhido por favorecer a *dilematização das contradições* que atravessam o trabalho no Suas.

O biopoder é um termo de grande potência crítica, mas pode favorecer a significação dos problemas enfrentados no Suas como dilemas, ao negar a dialética e considerar os processos antagonistas como reciprocidade (Foucault, 2000). Em outras palavras, emudece a dialética e transforma um de seus pressupostos centrais, o da *unidade*

15. Wrasse (2017, p. 255) analisa em profundidade os sentidos da dialética na obra de Vygotski, apontando que ela tem raízes na concepção leniniana.

de contrários, em dualismos inconciliáveis,¹⁶ como indica uma pergunta de nós é feita frequentemente: se é válido eticamente preocupar-se com o sofrimento psíquico quando a queixa é fome, como se o corpo e a mente fossem antagonísticos.¹⁷

Em síntese, trabalhar na esfera do biopoder é, em si, causa de sofrimento, mas o que se pretende destacar no presente texto é uma das mediações que agrava esse sofrimento: a *dilematização da dialética* que o qualifica como sofrimento ético-político.

1. Sofrimento ético-político

Esse termo foi cunhado por Sawaya (2012) para introduzir a dialética na análise da relação entre afeto e política, entre o sentir, o pensar e o agir e entre subjetividade e objetividade. O ético-político não indica apenas que se trata de sofrimento determinado socialmente, já que todos os sofrimentos o são, mas que está associado à trama da servidão e da autonomia em suas diferentes particularidades.

Tal concepção só pode ser compreendida pela sua inscrição no plano da imanência da ontologia política espinosista, que é monista, afirma a liberdade como direito natural e a ética como afeto (Bove, 2010). Espinosa se contrapõe à metafísica, ao idealismo e ao dualismo cartesiano que separa mente e corpo, defendendo que a mente só conhece o mundo pelas afetações do corpo, experiência, e que essas afetações são políticas.

16. Para Foucault, os processos antagonistas não constituem, tal como o ponto de vista dialético pressupõe, uma contradição no sentido lógico do termo. Não há dialética na natureza. Para ele, esses processos antagonistas não se constituem como dialéticos ou contraditórios, mas sim como reciprocicos (Foucault, 2000, p. 260).

17. O termo contradição não quer dizer, de forma alguma, antagonismo, onde existia incompatibilidade dos polos opostos entre si, dos quais um precisa ser eliminado para se trabalhar com o outro, como ocorre com o princípio da identidade e da não contradição da lógica formal (Oliveira, 2005).

Sobre os/as autores/as

ADEMIR ALVES DA SILVA — Mestre e Doutor em Serviço Social e Política Social pela PUC-SP; Professor de Política Social no Curso de Relações Internacionais da PUC-SP; Coordenador do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP; Coordenador da Pós-Graduação na Direção da ABEPSS — Região Sul II, na gestão 2017-2018. adecris@uol.com.br

BADER BURIHAN SAWAIA — Mestre e Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP; Professora Titular e Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP; Coordenadora do GT/CNPq Afetividade e a dialética exclusão/inclusão e do Núcleo de Pesquisas Psicossociais da dialética exclusão/inclusão da PUC-SP (NEXIN); fundadora e membro do GT/ANPEPP A psicologia sócio-histórica e o contexto brasileiro de desigualdade social. bsawaia13@gmail.com

CAMILA ÁVILA DE LIMA — Mestre em Serviço Social pela PUC-SP; assistente social da Prefeitura Municipal de Jundiaí (SP) na área de saúde mental (CAPS). camila_avila1@yahoo.com.br

DAMARES VICENTE — Especialista em Saúde Pública, Mestre, Doutora e Pós-doutora em Serviço Social pela PUC-SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Trabalho e Profissão (NETRAB) da PUC-SP e do Grupo

de Estudos sobre Saúde Mental Relacionada ao Trabalho (SMRT) do Instituto Sedes Sapientiae. damares.vicente@gmail.com

FERNANDA CARRIEL — Mestre em Serviço Social pela PUC-SP; assistente social da Prefeitura Municipal de Campinas-SP; Professora da Faculdade Santa Lúcia. fercarriel@yahoo.com.br

ISAURA ISOLDI DE MELLO CASTANHO E OLIVEIRA — Mestre em Serviço Social pela PUC-SP. Professora do Curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP; Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Profissão (NETRAB) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP. isoldioliveira@hotmail.com

JOANA MARIA GOUVEIA FRANCO DUARTE — Doutora em Serviço Social pela PUC-SP; pesquisadora; docente em cursos de graduação e pós-graduação em Serviço Social. jmgfduarte@yahoo.com

MARIA CARMELITA YAZBEK — Doutora em Serviço Social pela PUC-SP; pós-doutorado pelo Instituto de Estudos Avançados da USP; Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP; membro do Conselho Científico e Acadêmico da Faculdade de Serviço Social da UNLP — Argentina; Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq 1 A. mcyaz@uol.com.br

MARIA BEATRIZ COSTA ABRAMIDES — Doutora em Serviço Social pela PUC-SP; Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP; Coordenadora do NEAM- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Aprofundamento Marxista- PUCSP biabramides@gmail.com

MARILDA VILLELA IAMAMOTO — Mestre em Sociologia Rural pela USP; Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP; Professora Titular da Faculdade de Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, atuando

no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social; Pesquisadora Programa de Estudos e Pesquisas Pensamento Social e Realidade Brasileira na América Latina e do Centro de Estudos Octávio Lacerda. Coordenadora do Núcleo de Estudos Estado, Classes Trabalhadoras e Serviço Social (NECLATSS); Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq 1 A. mviamamoto@uol.com.br

NURIA PARDILLOS VIEIRA — Doutora em Serviço Social pela PUC-SP; Assistente Social da PMS/Secretaria Municipal da Cultura. n.pardillos@gmail.com

RAQUEL RAICHELIS — Doutora em Serviço Social pela PUC-SP; pós-doutorado pelo Departamento de Sociologia da Universidade Autònoma de Barcelona; Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP; coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Profissão (NETRAB); Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. raichelis@uol.com.br

ROSA MARIA MARQUES — Professora titular do Departamento de Economia e do Programa de Estudos Pós-graduados em Economia Política da PUCSP; ex-presidente da Sociedade Brasileira de Economia e Estatística (SEPP) e da Associação Brasileira de Economia da Saúde. rosamkmarques@gmail.com

VALÉRIA ALBUQUERQUE — Mestre em Serviço Social pela UNESP; Doutora em Serviço Social pela PUC-SP; pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Trabalho e Profissão do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP; Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. val_albuquerque@yahoo.com.br

Em uma contextualidade marcada pelo agravamento da *crise estrutural do capital*, a partir de 2008/9, foi necessário ampliar, agudizar e mesmo intensificar o sistema de dominação do capital em sua forma neoliberal e financeira. A devastação se expande, então, para todas as suas esferas da vida societal.

É justamente este o *leitmotiv* deste livro/coletânea, com o título *A nova morfologia do trabalho no Serviço Social*. Os avanços e as respostas a tais indagações por certo afloram através dos estudos que investigam a classe trabalhadora em sua nova morfologia, procurando apresentar suas particularidades e singularidades. É aqui encontramos uma contribuição efetiva para os estudos do trabalho das/dos assistentes sociais.

Esta coletânea sobre a *nova morfologia do trabalho no Serviço Social* evidencia o trabalho sério, criterioso e crítico de suas organizadoras e coautores/as. Que seja, então, lido e estudado no Serviço Social e também em outras áreas, por todos e todas que se recusam a aceitar esta devastação como sendo natural e inevitável.

Ricardo Antunes